

## **À morte de Leandro e Hero**

por Bocage

De horrenda cerração c'roadada, a Noite  
Surgira há muito da ciméria gruta;  
Tapando o longo céu co'as asas longas  
Reina em meio Universo:  
Ocupam-lhe os degraus do negro trono  
A Tristeza, o Silêncio,  
O Medo, a Solidão, o Amor e o Crime;  
Voam-lhe em roda lúgubres fantasmas,  
Aves sinistras pousam-lhe no grémio.  
Eis manso e manso as nuvens se entumecem,  
Eis o líquido peso  
Rompe os enormes, carregados bojos,  
Em torrentes sussurra e cai na terra.  
Rebentam furacões, flamejam raios,  
O estrondoso trovão no céu rebrama,  
O Helesponto nas rochas ferve e ronca.  
Tu, abideno amante,  
Tu velas neste horror com a saudade,  
Já corres insofrido às ermas praias,  
Donde é teu uso arremessar-te ao pego,  
E, destro nadador, talhando as vagas,  
Teus gostos demandar na oposta margem.  
Ao longe em celsa torre, estância cara  
De Hero, sol dos teus dias,  
O brilhante sinal, o amigo lume  
(Que é no facho de Amor por ela aceso)  
Vês entre as sombras cintilar a espaços,  
E como que te acena e te suspira.  
Debalde o mar bramindo, o céu troando  
Teu ímpeto ameaçam;  
Ardem-te n'alma os sôfregos desejos,  
Fulgurante ilusão, doirando as trevas,  
Num quadro tentador te of'rece aos olhos  
Glórias a furto, vívidos prazeres,  
Doces mistérios, que da luz se temem.  
A sagaz Esperança  
Te reforça, te incita,  
Jura aplacar-te o ar, pôr freio às ondas,  
Dar-te aos suspiros da suave amada.  
Atento à meiga voz, que atraí, que mente,  
No montuoso pélago te arrojas.  
À queda repentina alteia um grito  
O corvo grasnador na dextra parte,  
E os Ecos, despertando ao som medonho,  
Gemem nas brutas, cavernosas fragas.  
O triste agoiro te arrepias as carnes,  
Teus cabelos erriça;  
Mas prevalece Amor e, expulso o medo,  
Forças a equórea, tímida braveza.  
Metade já do trânsito afanoso

Indústria e robustez vencido haviam.  
Nisto a procela horrísona recresce,  
Tingem sombras do Inferno os véus da noite,  
Que o súbito relâmpago retalha;  
Braveja o mar, aos astros se remontam  
Serras e serras de fervente espuma;  
Carrancudos tufões arrebatados,  
Dobrando a força, a raiva, lutam, berram  
E revolvem do pélago as entranhas;  
Rochedo imóvel, aferrado à terra,  
Rebate apenas o horroroso assalto...  
Ah, Leandro infeliz! Tu já fraqueias,  
A destreza, o vigor nas mãos, nas plantas  
Já, mísero amador, já te falecem.  
Procuras o distante, o caro lume,  
Astro benigno, que te influi e guia,  
Olhas, vês que te falta,  
Que desapareceu, que jaz extinto;  
Suspiras, esmoreces,  
Da tua doce luz desamparado.  
Invocas o grão deus, que rege os mares;  
De teus rogos não cura, imoto e surdo.  
Invocas de Nereu potente as filhas.  
Elas ardem por ti, mas, invejosas  
Do objecto encantador que lhes preferes,  
Às marítimas fúrias te abandonam.  
Hero invocas, e Amor, e os Céus, e a Sorte;  
A Sorte é implacável,  
Dos males, que dispõe, não se arrepende,  
Teus dias sinalou de um termo infausto.  
Debalde te auxilia o deus mimoso,  
O alado criador de teus suspiros,  
Dos amorosos bens, que desfrutaste;  
O facho luminoso em vão meneia  
Para encurtar-te as sombras,  
E mais fácil tornar a undosa estrada;  
Em vão com as asas brandas  
Tenta arrasar os orgulhosos mares.  
Sobre altos escarcéus o Fado escuro  
Folga, triunfa e reina;  
Punge, ameaça, desespera os ventos,  
Enrola a morte nas horrendas vagas.  
Ela, pronta a seu mando, ela acomete  
O deplorável moço.  
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,  
O tardo movimento eis lhe sopeia,  
Pelas águas o embebe, e de Hero o nome  
Do ansioso coração num ai lhe arranca.  
Abaixo, acima, co'as cavadas ondas  
Vai, vem mil vezes o infeliz mancebo...  
Ai! Já sem vida aqui, e ali vagueia  
À discrição do mar, e o mar com ele  
De Sesto às praias súbito arremete;  
Dá contra a torre de Hero, ali rebenta,

E deixa o triste corpo à margem nua.  
Tu entretanto, carinhosa amante,  
Que fazias (oh, Céus!), que imaginavas?  
Solitária, anelando,  
Nas trevas espantosas,  
Nos soltos ventos, alterosos mares  
Lias de feio azar presságios feios.  
Em torno à viva luz que vigiavas  
(Que em raro véu com arte envolto havias,  
Resguardando-a dos ares indignados),  
Em torno à viva luz eis de improviso  
Negro insecto voou, zuniu três vezes,  
E à terceira apagou a esperta chama  
(Foi no ponto funesto em que o mancebo  
Com teu nome adoçou o extremo arranco);  
Do repentino assombro espavorida,  
Atónita, convulsa  
O agoirado clarão não renovaste.  
Em ânsias implorando os Deuses todos,  
E mais que todos o que em ti reinava,  
A bem do afoito, desvelado amante,  
Ao Númen indulgente, à Mãe piedosa  
Mil incenses, mil vítimas votaste.  
Depois, cevando a revoltosa ideia  
Em terríveis imagens,  
Ora do moço audaz o usado arrojo  
Reprovas contigo,  
Ora a cega imprudência maldizias,  
Com que em tão desabrida horrível noite  
A perigosa senha aventuraras...  
Ah, triste! Contra ti não te conjures:  
Foi lei dos fados a imprudência tua.  
Hero, desanimada,  
Metida em profundíssimo letargo,  
Jaz sem tino e sem voz, até que aponta  
A purpúrea manhã no céu já ledó.  
Farto o cruel Destino,  
Adelgagara os ares,  
Ao pego a mansidão restituíra,  
Depois que a terna vítima saudosa  
Foi sufocada nas voragens feras.  
Ele, o duro opressor dos desditosos,  
Ele do almo prazer, que os dois gozaram,  
Está vingado em parte, e da vingança  
À Desesperação comete o resto.  
Hero, ah, Hero infeliz! Tu pelas águas  
Húmida vista, suspirando, alongas.  
Não vês o nadador por quem desmaias,  
O teu bem não flutua  
Pelas ondas desertas.  
Eis a consternação te inclina os olhos  
À pedregosa areia  
Onde o desventurado está sem alma.  
Que vista! Que terror! As alvas carnes,

Rotas nas rochas pelo embate undoso,  
Inda gotejam sangue; aberta a boca,  
Parece que inda quer, que inda procura  
Chamar-te, ó Hero, murmurar teu nome.  
No espectáculo horrendo,  
Mísera, tu reparas;  
Tu... Céus!, Não lhe acudis?! Tu reconheces  
O querido semblante, o conpo amado,  
Entre as sombras da morte inda formoso:  
Com palidez, que a pinta.  
Gritas, arquejas, desesperas, fremes,  
Deitas as mãos de neve às tranças de oiro,  
E as tranças de oiro, delirando, arrancas.  
Levada enfim de um ímpeto raivoso  
Te arremessas da torre, e dás e entregas  
O teu ai derradeiro ao mudo amante.  
Lá jazem sobre a areia lutuosa  
As vítimas do Fado;  
Nas angústias mortais a linda moça  
Inda, estendendo os amorosos braços,  
Tenta apertar o suspirado objecto.  
Apiedados delfins nas ondas surgem,  
E altos sons (oh, prodígio!) derramando,  
Lamentam junto à praia o duro caso:  
As mesmas ninfas invejosas de Hero  
Soluçam de pesar nos vítreos lares.  
Um marmóreo padrão se erige em breve;  
Compadecidas mãos a história triste  
Gravam na lisa pedra; a pedra existe,  
Mas o monstro voraz que rói penedos,  
Comendo em parte a fúnebre escritura,  
Só deixa soletrar-lhe  
O remate piedoso,  
Em meus piedosos versos trasladado:  
Carpido ao som da lira  
Inda agora de ouvi-lo Amor suspira.

Aos dois amantes  
De Abido e Sesto  
Ardor funesto  
Deu negro fim.

Foram-lhe algozes  
Os seus extremos;  
Mortais, amemos,  
Mas não assim.